**Dr. David Turner, Matthew
Aula 5A – Mateus 10: Missão a Israel, o Segundo Discurso**

Saudações, amigos. Aqui é David Turner, e esta é a Aula 5A da aula de Mateus. Chegamos agora ao segundo discurso do Evangelho de Mateus, o Discurso Missionário, onde nosso Senhor Jesus comissiona Seus discípulos para seus ministérios, dá-lhes instruções e os envia.

O Sermão da Montanha foi o primeiro discurso, é claro. Terminava com um comentário sobre a autoridade de Jesus. Mateus 8 e 9 selecionou cuidadosamente eventos do ministério de Jesus, Seus milagres, e intercalou esses milagres com histórias de discipulado.

E agora os discípulos são comissionados a sair e continuar seus próprios ministérios como aqueles que estão tentando ser trabalhadores na colheita, como nosso Senhor mencionou no final de Mateus 9. Começamos nossa palestra tentando compreender a estrutura deste discurso. Antes de tudo, seu contexto literário. Mateus compreende o segundo discurso de Jesus apresentado por Mateus.

O discurso propriamente dito começa após 10:1-5A, que resume a comissão dos apóstolos e os lista individualmente. Conclui com a fórmula de transição característica de Mateus em 11:1, assim como o Sermão da Montanha concluiu com a fórmula, e quando Jesus terminou todos esses ditos. Assim, comparando 7:28 e 11:1, você começa a notar uma característica estrutural fundamental de Mateus.

Os Doze viram as palavras e obras de Jesus. Agora é a vez deles de partirem em seus próprios ministérios itinerantes, enquanto Ele continua o Seu próprio ministério, 11:1. Até este ponto da narrativa, Jesus demonstrou a autoridade do reino por meio de Suas palavras e de Sua obra, por meio de mensagens e milagres, e agora Ele delega esse ministério do reino aos Doze para sua própria missão em Israel, 10:1-5-8. Eles devem estender o ministério de Jesus, anunciando o reino e demonstrando seu poder a Israel por meio de obras poderosas. O capítulo inclui o contexto do discurso, 10:1-5a, seguido por instruções sobre o público e a mensagem da missão, 10:5b-8, o apoio à missão, 10:9-15, e como lidar com a perseguição e o sofrimento, 10:16-42. Agora, uma vez que situamos o discurso em seu contexto literário em Mateus, cabe-nos também examinar a estrutura literária do próprio discurso.

Você está lendo seus materiais suplementares enquanto ouve a fita, espero, na página 22, onde temos o esboço da palestra. Observe também a página 23, onde listamos a abordagem de Davies e Allison para a estrutura da passagem. Tenho isso diante de você , enquanto você pensa comigo aqui agora.

Como existem muitas visões diferentes sobre a estrutura do discurso, fica claro que ele não é tão claro em termos de estrutura quanto o Sermão da Montanha. A estrutura do Sermão da Montanha parece ser bastante direta, mas é muito mais difícil tentar entender como este discurso se encaixa aqui. A abordagem quiástica de Davies e Allison, ou seja, uma abordagem que configura o discurso como a letra grega qui e o formato de um X, não é totalmente convincente.

Mas há uma certa simetria no fato de que, após as instruções iniciais nos versículos 5 a 10, que dizem respeito ao público e à mensagem da missão, juntamente com alguns comentários sobre seu apoio, a ênfase recai sobre se o reino será recebido ou rejeitado. Parece haver um bloco de material sobre o recebimento no início, versículos 11 a 13 do capítulo, onde a discussão é sobre bênçãos para casas e cidades dignas, seguidas por duas seções sobre rejeição. Primeiro, uma rejeição geral, versículos 14 e 15, e depois algumas situações específicas em que haverá rejeição, versículos 16 a 39.

Advertências de que entre os rejeitadores estarão tribunais, sinagogas, governadores e reis, e até mesmo o mais difícil de todos: a própria família. Mas mesmo esta longa seção em 10:16-39 contém mais do que apenas material sobre a rejeição do evangelho. Em meio a essas advertências sobre a rejeição do evangelho, há promessas de que Jesus cuidará de seus discípulos durante esses tempos de rejeição, como no capítulo 10, versículo 19: "Não se preocupem com o que vocês devem falar, porque o versículo 20 fala do Espírito do Pai falando em vocês".

E, além disso, nos versículos 24 e seguintes, nosso Senhor nos diz que não devemos nos surpreender se formos rejeitados, porque Ele foi rejeitado, e um discípulo não está acima do seu mestre. Portanto, o material sobre rejeição nos versículos 16 a 39 contém algumas advertências específicas, mas também alguns encorajamentos para que possamos lidar com o problema. Então, finalmente, o discurso conclui, nos versículos 40 a 42, novamente com uma nota positiva, com a noção de recompensas para aqueles que acolhem os seguidores de Jesus e os ajudam, mesmo com algo tão pequeno como um copo de água fria.

Portanto, o discurso não é tão claramente estruturado quanto se poderia pensar, e é um pouco difícil tentar juntá-lo completamente, mas, ao lê-lo, é uma instrução muito clara e muito séria sobre o que a igreja enfrentará ao se expandir. Fica claro, ao ler o discurso, que ele se relaciona principalmente com o ministério dos seguidores originais de Jesus, seus discípulos, nas cidades de Israel. Isso fica bem claro em 10:23, assim como no comentário de que os discípulos não devem ir aos gentios, mas apenas às ovelhas perdidas de Israel.

Isso estaria nos versículos 5 e 6, 10. Portanto, o discurso está relacionado principalmente ao ministério dos discípulos originais de Jesus em Israel, mas há indícios de que ele se refere à missão mundial contínua da igreja em geral. Há referências ao comparecimento perante governantes gentios e à necessidade de perseverança até o Dia do Juízo. Observe 10:18 , 22:26 e 28.

Assim, o discurso prevê história e tempo adicionais e, portanto, tem relevância para a igreja hoje. O fato de a igreja ocidental moderna não ter sofrido perseguição generalizada do tipo mencionado neste discurso não deve cegar os cristãos ocidentais para as verdades profundas aqui apresentadas. Agora, vejamos Mateus 10:1-4 e vejamos a comissão que nosso Senhor deu aos seus discípulos originais e a lista deles ali.

Jesus acaba de enfatizar aos seus discípulos a necessidade de sua missão e os ordena a orar por trabalhadores para a colheita em 9:37 e 38. Agora, sua comissão se resume a colocar os pés no chão em suas orações. As multidões necessitadas de Israel devem ser alcançadas com o poder redentor do governo de Deus, e os discípulos recebem aqui a autoridade para ministrar como Jesus ministrou a si mesmo em palavras e ações.

No discurso que se segue, os discípulos são repetidamente lembrados de que seus destinos estarão inescapavelmente ligados à sua fidelidade a Jesus. À medida que prosseguem em seu ministério do Reino, em palavras e ações, experimentarão uma reação mista à sua mensagem, centrada em sua identidade. Se forem rejeitados e perseguidos, Jesus será rejeitado e perseguido.

Veja 10:14, 18:22, 24 e 25. Se eles forem recebidos, ele será recebido. Veja 10:40.

E assim é hoje. É instrutivo notar que os apóstolos mencionados em outras partes de Mateus não são necessariamente retratados de forma positiva. Judas é o melhor exemplo disso.

Os filhos de Zebedeu mencionados aqui são cúmplices da petição egoísta de sua mãe para que sejam os maiores no reino vindouro. No capítulo 20, versículos 20 a 22, as fraquezas de Pedro são famosas. No entanto, quando ele confessa a identidade de Jesus, torna-se fundamental para a igreja.

É evidente que, no plano de Deus, Jesus constrói sua igreja com materiais imperfeitos. É humilhante reconhecer que os primeiros líderes da igreja eram redimidos, embora fossem indivíduos falhos. Mas, ao mesmo tempo, isso atribui o crédito que lhe cabe a Jesus.

Veja o que Paulo disse sobre o mesmo assunto em 2 Coríntios 4:7. No entanto, os 12 são os agentes humanos sobre os quais Jesus edificará a igreja. Eles são cruciais para a continuidade entre os ministérios de Jesus antes e depois da ressurreição, e serão os governantes escatológicos de Israel, de acordo com 19:28 . Agora, passo para o capítulo 10, versículos 5 a 15, que chamamos de instruções gerais.

As instruções em 10:5 a 15 tratam do destino da mensagem, dos milagres que os discípulos são capacitados a realizar, das roupas que devem levar consigo e da recepção que podem esperar. Os versículos 5b e 6 tratam desse destino, Israel somente. A mensagem em 10:7 prega que o reino dos céus está próximo.

Os milagres mencionados em 10:8, curando os doentes, ressuscitando os mortos, purificando os leprosos, expulsando os demônios, o traje, que é bastante minimalista, não levando muitas moedas, versículo 9, ou mesmo duas mudas de roupa, mas presumindo que aqueles que recebem a mensagem apoiarão os discípulos nos versículos 9 e 10. E nos versículos 11 a 15, temos a ideia de que, quando as pessoas são receptivas à mensagem, elas o acolherão e cuidarão de você, e se não forem, não o acolherão nem cuidarão de você. Assim, ao lermos isso, somos atingidos pela continuidade da missão dos discípulos com a de Jesus e João, bem como pela relativa falta de fundos e equipamentos que os discípulos devem levar.

Esta última característica lembra aos crentes de hoje que seu recurso e ministério supremos são o poder e as promessas do Senhor, não suas próprias provisões. Da mesma forma, a simplicidade das provisões de Jesus para os discípulos tende a refletir negativamente sobre as técnicas de arrecadação de fundos e os apetrechos suntuosos que estão em voga em certos ministérios hoje. A proibição do ministério a não judeus em 10:5 é talvez o aspecto mais notável de 10:5 a 15.

Esta proibição é obviamente bastante diferente da comissão final deste evangelho, que ordena a missão a todas as nações, 28:18. Como essa grande diferença deve ser entendida? A prioridade de Israel no plano da aliança de Deus não pode ser minimizada. Mateus apresenta Jesus como o filho de Abraão, por meio de quem todas as nações serão abençoadas em 1:1, em comparação com Gênesis 12:2 e 3. Embora a mera descendência física de Abraão não mereça o favor de Deus, e é isso que João disse em 3:9, e observe também 8:12, os judeus ainda permanecem o povo fundamental da aliança de Deus, e a bênção escatológica equivale a compartilhar as promessas feitas aos patriarcas, observe 8:11 e 19:28.

Portanto, a missão mundial aos gentios não substitui o ministério fundamental a Israel, mas o complementa e o amplia. O cristianismo não deve ser separado de suas raízes na Bíblia Hebraica e no judaísmo do Segundo Templo. O cristianismo não é uma religião primariamente, e muito menos exclusivamente, para os gentios.

O particularismo de 10:5 é necessário para que Jesus seja o cumprimento da história e da esperança profética de Israel. Seus discípulos se tornam o núcleo e os líderes fundamentais da igreja recém-nascida, compare 16:28, 19:28 e 21:43. No plano misterioso de Deus, a maioria dos judeus, tanto de então quanto de agora, infelizmente, não aceita Jesus como o Messias prometido, mas, tanto de então quanto de agora, um remanescente messiânico de judeus cristãos permanece.

Portanto, os cristãos gentios devem sempre reconhecer a prioridade de Israel na história da redenção. Isso foi ensinado tanto por Jesus quanto por Paulo. Observe algumas outras passagens: João 4:22, 10:16, Romanos 11:16-24, 15:7-12 e Efésios 2:11-13.

Assim, ainda hoje existe um sentido em que "para o judeu em primeiro lugar" ainda soa verdadeiro, como Paulo colocou em Romanos 1:16. Agora, passamos para as advertências e encorajamentos sobre a perseguição encontrados no capítulo 10, versículos 16-23. 10:16-23 contém dois ciclos de advertência e encorajamento.

O primeiro alerta sobre a perseguição por parte de tribunais religiosos e governantes civis, 10:16-18. Parece-me mais provável que, quando se diz em 10:17, "eles os entregarão aos tribunais", esses seriam os tribunais judaicos, como eram chamados naquela época, Beit Din, Casa do Julgamento, tribunais rabínicos; em outras palavras, que examinariam os apóstolos, os discípulos, para ver se a mensagem deles estava de acordo com o judaísmo ou não. E também se diz em suas sinagogas.

Acredito que ambos provavelmente são judeus, em um contexto judaico. Portanto, os discípulos serão perseguidos pelo judaísmo oficial. No entanto, eles são encorajados pela obra do Espírito em suas vidas.

O Espírito falará por meio deles nessas circunstâncias terríveis em 10:19 e 20. Esse é o primeiro ciclo. O segundo ciclo alerta para o que é quase impensável: a traição da própria família, 10:21.

Essa é provavelmente a coisa mais difícil de engolir para todos nós. E este ciclo encoraja os discípulos ao enfatizar a vinda de Jesus, que salvará aqueles que permanecerem fiéis até o fim, de acordo com o capítulo 10, versículo 23. A vinda de Jesus aqui em 10:23 é uma das passagens mais difíceis de todo o Evangelho de Mateus.

Eu diria que há cinco visões plausíveis sobre isso. Primeiro, a vinda de Jesus em 10:23 poderia possivelmente significar que Jesus em breve, digamos assim, dará continuidade ao ministério dos discípulos. Ele os seguirá, por assim dizer, pelas cidades.

Nessa visão, essa vinda, entre aspas, não é uma vinda escatológica, mas simplesmente se refere a Jesus se juntando aos discípulos antes que eles completem seus ministérios imediatos nas aldeias de Israel. Uma segunda visão plausível é que a ressurreição de Jesus equivale a uma vinda, visto que, por meio da ressurreição de Jesus, a nova era da igreja seria inaugurada. Há estudiosos que defendem essa visão.

Uma terceira possibilidade é que a vinda de Jesus seja um processo que se inicia com a ressurreição, continuando até o dia de Pentecostes, talvez tendo algo a ver com o julgamento que caiu sobre Israel em 70, quando Jerusalém foi destruída pelos romanos, mas culminando finalmente quando Jesus literalmente retorna à Terra. O famoso comentarista reformado William Hendrickson adota essa visão em seu comentário sobre Mateus. Uma quarta visão seria que a destruição de Jerusalém em 70 d.C. equivale a um julgamento vindouro sobre Israel.

Pessoas como Carson e Hagner enfatizam a importância da destruição romana de Jerusalém em 70 d.C. como a vinda de Cristo em julgamento, mesmo que ele pessoalmente não tenha retornado à Terra. Finalmente, uma quinta visão é que, em 1023, Jesus está ensinando aos discípulos como um todo, não apenas aos discípulos originais, mas aos discípulos como representantes da Igreja em geral, que antes que a Igreja complete sua missão em Israel, Jesus retornará novamente à Terra. Entre aqueles que adotam essa visão estão Davies e Allison em seu comentário magistral, Blomberg, Gundry e Daniel Harrington no volume da série Sacra Pagina sobre Mateus.

Ora, escolher entre uma dessas cinco visões não é fácil. A decisão deve ser tomada com três questões em mente. Primeiro, a visão de outros textos em Mateus onde a vinda de Jesus é mencionada, como Mateus 16:28, 24:30, 44, 25:31 e 26:64.

Presumivelmente, quando se comparam todos esses textos, surge uma imagem consistente. Em segundo lugar, pelo menos alguns desses textos vindouros dependem de Daniel 7:13, onde temos a imagem do Filho do Homem aparecendo diante do Ancião de Dias, e precisamos analisar essa passagem também. Em terceiro lugar, precisamos decidir se o discurso missionário de Jesus em Mateus 10 descreve apenas a missão original dos 12, ou se, em alguns lugares, antecipa e prevê a missão posterior da igreja pós-ressurreição.

Considerando tudo isso e tentando ponderar tudo, parece-me melhor, pelo menos quando tudo isso for considerado, optar por esta última visão que mencionei, de que Jesus está falando aqui não apenas aos seus discípulos originais, mas à igreja em geral, e dizendo que, antes que a igreja complete sua missão para Israel, ele retornará à Terra. Mas não creio que possamos ter certeza sobre essa interpretação. O discurso missionário de Jesus antecipa a missão da igreja durante todo o período entre a primeira e a segunda vinda de Jesus, e essa missão inclui a missão contínua a Israel durante o alcance a todas as nações previsto em Mateus 28, versículos 18-20.

Agora, a próxima seção do discurso sobre missão, 10:24-33. No capítulo 10, versículos 24-33, a ideia principal é que, diante da rejeição que sobrevirá aos discípulos, Jesus lhes diz para não temerem. Ele proíbe o medo. Como poderíamos pensar, é mais fácil falar do que fazer, não ter medo, mas esta seção apresenta três razões pelas quais os discípulos não devem temer a perspectiva de perseguição.

Primeiro, os discípulos são lembrados de que, como servos do Mestre Jesus, não estão acima dele e que devem ser como ele. Como seus servos, portanto, compartilharão com os perseguidores. 10:24-25. À medida que a narrativa avança e a oposição a Jesus se intensifica, culminando nas disputas da Semana Santa com os líderes judeus, os discípulos presumivelmente compreendem esse ensinamento mais plenamente.

Em segundo lugar, visto que compartilham o tratamento de Jesus, não precisam temer, pois também compartilharão da vindicação de Jesus. 10:26-27. Mais tarde, poderão olhar para trás a partir de uma perspectiva pós-ressurreição, como o autor Mateus faz, e perceber que a ressurreição vindicou Jesus, e que seu retorno os vindicará. Naquele momento, todas as coisas ocultas serão reveladas.

Terceiro, os discípulos não devem temer os perseguidores, mas sim Aquele a quem tanto eles quanto os perseguidores responderão no Dia do Juízo. 10:28-33. A provação infligida pelos perseguidores é apenas temporária, mas os próprios perseguidores sofrerão um castigo eterno. Os discípulos que reconhecem Jesus serão reconhecidos por Jesus diante do Pai.

Os perseguidores que negam Jesus serão negados por Ele diante do Pai. Assim, o discípulo pode lidar com o medo relembrando sua identidade compartilhada com Jesus, concentrando-se em seu retorno e mantendo seu temor a Deus. Mateus 10:28 é frequentemente citado no debate teológico atual, que opõe a noção de aniquilacionismo, às vezes chamado de imortalidade condicional, ao ensinamento cristão tradicional de punição eterna.

Esta não era uma questão com a qual Mateus se preocupava, mas é uma pergunta comum hoje em dia. A questão gira em torno de 10:28b, onde Deus é descrito como aquele que pode destruir tanto o corpo quanto a alma no inferno. Aqueles que defendem o aniquilacionismo ou a imortalidade condicional tomam a palavra destruir, que é a palavra grega apolumi, literalmente, e propõem um julgamento final em que os crentes são destruídos, ou seja, deixam de existir.

Mas fica claro em outros textos que essa chamada destruição é um estado de punição para a pessoa como um todo. Compare Mateus 5.22, 5.29, 30, 18.9, 23.15, 33. Esse estado de punição para a pessoa como um todo é tão eterno em duração quanto a bem-aventurança da vida eterna no reino de Deus.

Compare 25:41 com 25:46, e observe também o texto do Antigo Testamento que serve de pano de fundo para isso, Daniel 12:2, e outros textos do Novo Testamento, como João 5:29, Atos 24:15, 2 Tessalonicenses 1:9, Apocalipse 14:10, Apocalipse 20:10, 20:15 e 20:18. Argumentos acadêmicos sobre a existência ou não do inferno podem nos desviar do assunto e nos levar à questão do orgulho intelectual. Achamos que podemos vencer a discussão, mas, como dizia um dos meus professores de seminário, não devemos falar do inferno a menos que tenhamos lágrimas rolando pelo rosto. Nem sempre é fácil para todos nós chorarmos sob demanda, e não é isso que Deus exige de nós.

Mas a questão é que a questão do castigo eterno é, no mínimo, uma doutrina assustadora. É uma doutrina que deveria nos inspirar admiração e preocupação pelos perdidos. Mas o fato de ser uma doutrina impressionante não significa que seja uma doutrina que devemos facilmente omitir ou minimizar, porque é precisamente a motivação dada em Mateus 10 para a fidelidade e o discipulado durante os dias de perseguição, de acordo com 10:22, 28 e 33.

Mas, para ser franco, se não houvesse o inferno a ser evitado, haveria um motivo a menos para ser fiel a Jesus e um motivo a mais para negá-Lo. Bem, vamos passar para 10:34-42, a última parte importante do discurso. Nesta parte, a mensagem de Jesus confronta relacionamentos antigos, e somos informados de que pode haver dificuldades com nossos parentes terrenos e, ao mesmo tempo, isso cria novos relacionamentos.

O segundo discurso de Jesus chega à sua conclusão com um aviso de que tanto Ele quanto a mensagem do seu reino não trarão automaticamente paz à Terra. De fato, os relacionamentos humanos mais sagrados poderiam ser rompidos por Sua mensagem. Assim, nem mesmo a família pode ter precedência sobre a fidelidade a Jesus.

Esse ensinamento difícil se torna ainda mais complexo quando se considera a importância da família na Bíblia Hebraica. Veja passagens como Êxodo 20:12, 21:17, Levítico 20:9, Deuteronômio 5:16 e os ensinamentos de Jesus em outras passagens. Veja Mateus 15:4-6, 19:8-9, 19.

Portanto, Jesus e o Antigo Testamento enfatizam a importância da fidelidade, da lealdade e da honra aos pais. Mas há algo que prevalece até mesmo sobre isso. A fidelidade a Jesus e aos seus seguidores pode causar tamanha discórdia na família que os laços familiares precisam ser rompidos.

Não é algo que alguém desejaria que acontecesse, mas a primeira lealdade é para com Jesus, e a primeira família é a comunidade dos crentes. Tal rompimento dos relacionamentos familiares naturais sem dúvida trará profunda angústia. Eu sei como é isso, e talvez alguns de vocês também.

Mas essa dor temporária deve ser comparada ao horror da separação eterna de Jesus. O próprio exemplo de Jesus mostra que a lealdade de alguém deve estar com a nova família de Seus seguidores. 12:46-50. Compare com João 7:3-9. Jesus promete que a dor dos relacionamentos perdidos na vida presente será de alguma forma compensada pelas bênçãos do reino futuro em 19:29. O discurso como um todo termina com uma nota positiva, e após a discussão sobre o inferno e a possível traição da família, posso usar uma nota positiva, e ele termina em 10:40-42 com a perspectiva de recompensa para aqueles que mostrarem hospitalidade aos discípulos de Jesus.

É importante lembrar que é preciso mais do que missionários para realizar a missão de Jesus. Toda a comunidade deve estar envolvida na missão. Aqueles que apoiarem os missionários receberão uma recompensa equivalente.

Após as palavras sóbrias sobre a inevitabilidade da perseguição, mesmo vinda da própria família, esta conclusão traz uma nota de equilíbrio que encoraja os discípulos em sua missão. Apesar das dificuldades dos próximos dias, eles encontrarão pessoas hospitaleiras que responderão positivamente à mensagem de Jesus e do Reino. Mas a conclusão deste discurso não é diferente daquela do Sermão da Montanha.

Ambos os discursos apresentam a lealdade a Jesus e ao seu reino em linguagem direta, seja qual for o contexto. De acordo com Mateus 7:24-27, a casa de alguém é construída sobre a rocha ou sobre a areia. Ou se obedece aos ensinamentos de Jesus ou se desobedece.

De acordo com 10:39, a vida de alguém ou será perdida ou será encontrada. Ou confessará ou negará Jesus. Sem dúvida, alguns tentam encontrar meios de chegar a um acordo para que os discípulos possam ter tanto a família quanto Jesus, tanto o que poderíamos chamar de autorrealização quanto o discipulado.

Mas para Jesus, não existe meio-termo. É uma coisa ou outra. Se a situação ficar crítica e a família decidir entre Jesus e nós, os discípulos não têm escolha.

Eles precisam seguir Jesus. Agora, apenas para fazer uma pausa e refletir brevemente sobre este discurso em Mateus, capítulo 10, seria preciso dizer que, quando lido do ponto de vista de talvez um cristão ocidental, um cidadão dos Estados Unidos da América, uma pessoa de classe média como eu, pelo menos, muito disso não soa muito realista, porque muitos de nós, como cristãos nos Estados Unidos e em grande parte do mundo ocidental, nunca tivemos que sofrer da forma como Jesus fala aqui. Mas quem sabe o que pode acontecer no futuro, e talvez isso mude.

Ao mesmo tempo, ao lermos isto, precisamos estar cientes do fato de que muitos de nossos irmãos e irmãs ao redor do mundo hoje estão sofrendo grande perseguição por sua fé em Cristo. Se estivermos a par da história da Igreja, saberemos que, também no passado, os crentes em Jesus sofreram perseguições horrendas por seu testemunho dele. Precisamos ser mais sensibilizados, como cristãos ocidentais, para a história da Igreja como um todo, para os sofrimentos dos crentes no passado, bem como para os sofrimentos dos crentes ao redor do mundo, mesmo hoje.

Tomara que Mateus 10 nos tire um pouco da nossa visão provinciana e serendipista de que tudo está sempre melhorando e parecendo cada vez melhor para os cristãos. O fato é que nosso Senhor foi maltratado por muitas pessoas nesta Terra, e se ousarmos pronunciar seu nome, esse também pode ser o nosso destino. E que ele nos dê forças para suportar, se for o caso, e que seu espírito nos dê as palavras para dizer como ele prometeu aqui.